

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

X

Nº. de referência: 2

Título: "A CIGARRA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): TEHEKHOV, ANTON

Adaptador: PINHÃO, LUIS

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 15/7/1975

Data de Emissão: 21/7/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
PEDRO PINHEIRO	LUDVIG BARNAY
ANA PAULA	GALÉRIA ALEXIEVNA
LOURDES NORBERTO	OLGA JUANOVNA
ANTÓNIO MONTEZ	OSSIP DYMOV
ARIANDO VENÂNCIO	STEPANIDA
BENJAMIM FALCÃO	HOROSTELIOV
VITOR DE SOUSA	RIAROVSHY

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Péris

(V.S.F.F.)

⇒

Notas:

{ DIET. ARTÍSTICA - ~~ETGARRA~~
/ Rui DE CARVALHO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

ESTRATÉGIA CRIATIVOS

PROGRAMA Nº 523

PROGRAMA Nº

DATA DE ENTREGA 10 JUL 1975

ESCRITO DE 21/7/75

PEDIDO DE CANCELAMENTO

15-15 HORAS

ACRABAMENTO 15/7/75

VISTO

HORA 9,30

NÚMERO DE FOLHAS

MINI - TEATRO ADAPTAÇÃO

Terça-feira

A CIGARRA

Um conto de

ANTON TCHEKHOV

Numa adaptação de

LUIS PINHÃO

Personagens

- LUDWIG BARNAY
- CALÉRIA ALEXIEVNA
- OLGA IVANOVNA
- OSSIP DYMOV
- STEPANIDA
- KOROSTELIOV
- RIABOVSKY

16 cópias

A MUSICA INICIAL FUNDE-SE COM UMA VOZ FEMININA CANTANDO UMA CANÇÃO ESLOVA (PIANO E CANTO) - UM TEMPO - A CANÇÃO AFASTA-SE ATÉ FICAR EM SEGUNDO PLANO E TRANSFORMA-SE, DURANTE AS DUAS PRIMEIRAS FALAS, NO CANTO DUMA CIGARRA; VINDO, POR MOMENTOS, A PRIMEIRO PLANO - APLAUSOS, EM SEGUNDO PLANO, INDEPENDENTEMENTE DO DIÁLOGO QUE SE TRAVA EM PRIMEIRO PLANO; QUANDO A CANÇÃO TERMINA.

BARNAY - Minha querida Caléria Alexievna, Olga Ivanovna é sensacional!... Repare na maneira como ela canta esta deliciosa canção... (O CANTO DA CIGARRA VEM A PRIMEIRO PLANO E VOLTA NOVAMENTE A SEGUNDO PLANO)

CALÉRIA - Realmente demonstra possuir uma técnica admirável!... Como se pode ser tão perfeita em tudo, meu caro Ludwig Barnay?

BARNAY - Olga Ivanovna é uma autêntica feiticeira!... Ela canta, toca piano, pinta, modela, figura em espectáculos de amadores, e tudo isto não como qualquer outra, mas com talento.

CALÉRIA - Quer faça lanternas para iluminações, quer se vista, quer arranje a gravata a alguém, tudo nela é extraordinariamente artístico e gracioso.

BARNAY - Mas onde o talento de Olga Ivanovna se manifesta mais brilhantemente, a meu ver, é na arte de se relacionar com as personalidades em destaque.

CALÉRIA - A verdade é que Olga Ivanovna tem uma verdadeira adoração pelas pessoas célebres, meu caro Ludwig Barnay!

BARNAY - Por isso mesmo, nada justifica o seu casamento com um homem simples, muito vulgar, e que em nada se distingue.

CALÉRIA - Não é tanto assim, meu caro Ludwig Barnay!... O marido de Olga Ivanovna, Ossip Stepanytch Dymov, é médico, com o grau de conselheiro honorário.

BARNAY - Trabalha em dois hospitais: num deles é assistente extraordinário e, no outro, preparador anatómico. Eu sei!... E também sei que todas as manhãs, a partir das nove horas, dá consulta e ocupa-se da enfermaria; depois do meio-dia vai para o outro hospital, onde faz autópsias. Não tem doentes particulares, e só ganha por ano cerca de quinhentos rublos. E é tudo, minha querida Caléria Alexievna... Como vê, estou bem informado... Que mais se poderá dizer a respeito dele?... Em compensação tanto Olga Ivanovna como os seus amigos e conhecidos são tudo menos pessoas vulgares. Qualquer deles se distingue por qualquer coisa e, se não é ainda conhecido, é uma grande esperança...

CALÉRIA- Nesse ponto, meu caro Barnay, dou-lhe inteira razão!... Olga Ivanovna consegue ter à sua volta tudo o que de melhor há na cidade, tanto nas Artes, como nas Letras. Hoje por exemplo, estão aqui reunidos alguns dos seus amigos e conhecidos mais íntimos: Temos um artista dramático, de talento há muito consagrado, homem elegante, inteligente, que tem ensinado dicção a Olga Ivanovna; Temos um cantor de ópera, homem de sociedade, que afirma a Olga Ivanovna que ela, se não tivesse sido preguiçosa, podia ter sido uma notável cantora; depois temos vários pintores, à frente dos quais o paisagista e animalista Riabovsky, aquele loiro e belo jovem, cujas exposições têm feito sensação e que vendeu o último quadro por quinhentos rublos; orienta os estudos de Olga Ivanovna e diz que ele tem possibilidades de vir a ser alguém na pintura. Temos também um violoncelista cujo instrumento chora e que afirma ser Olga Ivanovna, entre todas as mulheres que conhece, a única capaz de o acompanhar. E temos um escritor, novo mas já famoso, autor de vários romances, peças de teatro e contos. E quem mais? Ah, sim! Temos ainda Vassili Vassilievitch, aristocrata, proprietário rural, ilustrador diáctante e vinhetista, que conhece bem o antigo estilo russo, as suas lendas e a sua epopeia: pinta fielmente estas maravilhas no papel e na porcelana...

BARNAY - O que não impede que, no meio desta sociedade requintadamen
Mo/

neste momento o rosto virado a três quartos e mal iluminado; mas, quando se voltar, reparem naquela testa?...

(ALTO) Dymov, estamos a falar de ti, querido! Vem cá; estende a tua mão leal a Riabovsky. Sejam amigos.

DYMOV - Com todo o gosto, querida!... Muito prazer! Houve um Riabovsky que se formou em Medicina ao mesmo tempo que eu. Será da sua família?

OLGA - (ATALHANDO) - Dymov, temos hoje um novo convidado: Ludwig Barnay, director do Hoftheater de Munique, que realiza frequentemente "tournées" na Rússia. (OUTRO TOM) Meu caro Barnay, desculpe a pouca atenção que lhe tenho dispensado. Espero que não se tenha aborrecido?

BARNAY - De maneira nenhuma, Olga Ivanovna!... Tem sido uma noite encantadora.

OLGA - É que os nossos serões são, por vezes, um pouco monótonos... Como tem tido ocasião de verificar, eu e os meus convidados, não jogamos às cartas nem dançamos; dedicamo-nos apenas e unicamente a diversas artes: Prianitchnikoff declama; Ivanovitch canta; Riabovski desenha; Mikhailovitch toca; e eu, como dona da casa, acompanho-os um pouco em tudo... Nos intervalos, evidentemente, conversa-se e discute-se literatura, teatro, pintura...

CALERIA - Normalmente, meu caro Barnay, não há a presença de senhoras porque Olga Ivanovna acha que todas as mulheres, à excepção das actrizes e da costureira, são tristes e banais...

OLGA - E não achas que tenho razão?

CALERIA - Talvez! Ludwig Barnay é que poderá responder.

BARNAY - Caléria Alexievna tem sido uma óptima companheira, Olga Ivanovna!

- CALERIA- É muito gentil, meu caro Barnay!... (OUTRO TOM) A verdade é que temos passado o tempo a falar de ti, Olga Ivanovna! De ti e de Ossip, como deves calcular...
- OLGA - (AGASTADA) - Minha querida Caléria Alexievna, sabes perfeitamente que detesto...
- CALERIA- Desculpa, querida!... Olga Ivanovna, meu caro Barnay, não gosta do nome do marido, "Ossip", porque lhe faz lembrar o Ossip de Gogol...
- OLGA - E, o que é ainda pior, o velho trocadilho: Ossip constipado e Arkhipe engripado... (TOQUE DE CAMPAINHA EM SEGUUNDO PLANO) Ouviram?
- CALERIA- Alguém tocou à porta.
- OLGA - É ele!...
- BARNAY - Quem?
- CALERIA- Não se admire, Ludwig Barnay!... Não se passa um único segundo sem que Olga Ivanovna não estremeça a cada toque de campainha e não diga com um ar de triunfo: É ele!... Entenda-se pela palavra "ele" qualquer nova celebridade que tenha conhecido e convidada... (RUIDO DE PORTA)
- OLGA - O que há, Stepanida?
- STEPANIDA- Acaba de chegar o sr. Korosteliou!
- OLGA - Oh, que maçada!
- STEPANIDA- Mandá-lo entrar para aqui ?
- OLGA - Nem pensar nisso, Stepanida!...
- CALERIA - Quem é esse Korosteliou?

OLGA - Um colega de Dymov: um homem comum, vulgar, sem nada de notável, de rosto enrugado e sem educação!

STEPANIDA- Que faço, então, minha senhora?

OLGA - Conduza o sr. Korosteliyov ao gabinete... Espere, Stepanida! O senhor ainda se encontra no salão... Dymov, vem cá! Tens uma visita.

DYMOV - Uma visita? Quem é?

OLGA - Korosteliyov. Vai recebê-lo!

DYMOV - Com certeza, querida, com certeza! (PASSOS - AFASTAR GRADUAL DO AMBIENTE DA REUNIÃO - ABRIR DE FROTA) Meu querido Korosteliyov...

KOROSTELIOV- Preciso muito de falar contigo, meu caro Dymov. Imagina que, hoje, ao autopsiar um cadáver com o diagnóstico de "anemia maligna", encontrei-lhe um tumor no pâncreas...

DYMOV - Isso é muito curioso... Vamos para o meu gabinete, Korosteliyov... Lá, estaremos mais à vontade... (PASSOS) Olga Ivanovna recebe todas as quartas-feiras... Não devemos perturbar estas reuniões com os nossos problemas científicos...

KOROSTELIOV- Se o soubesse, não teria vindo. Sim, não tenho o direito de privar os convidados da tua presença...

DYMOV - Não tem importância, meu caro Korosteliyov!... Aliás, nem darão pela minha ausência... Não costumam frequentar estas reuniões. Não os compreendo, sabes? Divertem-se à sua maneira... E eu prefiro passar as noites no meu gabinete, nos meus estudos. Tenho sempre tanto que fazer que seria um crime desperdiçar o meu tempo com coisas que não entendo. E depois, eles estão sempre tão absorvidos nas suas distrações que, tenho a certeza, nem dão pela minha falta. Basta que às onze e meia lhes anuncie a ceia,

o que faço pontualmente...

-SEPARADOR-

OLGA - Eu tinha vinte e dois anos; Dymov trinta e um... Depois do nosso casamento temos vivido em óptimas condições. Creiam, senhores, que somos felizes e levamos uma vida tranquila. No entanto, a terceira semana depois da lua-de-mel não foi nada alegre, foi mesmo muito triste... Dymov apanhou no hospital uma camada de erisipela, teve de ficar na cama durante seis dias e os seus lindos cabelos pretos foram-lhe cortados à escovinha. Eu, como devem calcular, permaneci ao seu lado, chorando amargamente. Mas quando o querido Dymov melhorou, pus-lhe um lençinho branco na cabeça rapada e, usando-o como modelo, desenhei uma cabeça de beduíno. E de novo continuou uma vida tranquila e feliz, sem desgostos nem inquietações.

RIABOVSKY- E bem a merece, Olga Ivanovna!

OLGA - Obrigada, Riabovsky!... Enfim, o presente é belo e a Primavera aproxima-se, sorrindo de longe e prometendo mil venturas... Em Abril, Maio e Junho, uma casa de campo longe da cidade, Dymov já está a tratar disso... Passeios, desenhos, pesca, e depois...

CALERIA - E depois...

OLGA - De Julho até Outubro, uma excursão de pintores pelo Volga.

CALERIA - Uma excursão de pintores através de Volga?!...

OLGA - Podem crer! Eu, Olga Ivanovna, como membro perpétua da "Société", tomarei parte nela. Já mandei fazer dois fatos de viagem, e já comprei aguarelas, pincéis, telas e uma paleta nova.

CALERIA- Mas isso é sensacional!

BARNAY - Espantoso, Olga Ivanovna! Como consegue arranjar tempo para poder abranger tantas actividades e, ainda por cima, prestar assistência a seu marido?

OLGA - Querem saber? Pois bem! Levanto-me todos os dias por volta das onze horas; toco piano ou, se faz sol, pinto qualquer coisa. Depois, perto da uma, vou à costureira. Aqui para nós, temos de recorrer à astúcia para que eu possa apresentar constantemente novas e lindas vestidas. Muitas vezes, dum vestido já tingido, de brocados de renda, de seda ou peles que não prestavam para nada, saem verdadeiras obras de arte, qualquer coisa de deslumbrante; não um vestido, mas um sonho.

CALERIA- És adorável, minha querida Olga Ivanovna!

OLGA - Mas não é tudo! De casa da costureira, sigo habitualmente para casa de alguma actriz conhecida, a fim de me inteirar das últimas novidades teatrais e pedir um bilhete para uma estreia ou um benefício. Dali encampono-me para o atelier de um pintor ou para uma exposição; depois vou a casa de qualquer celebridade em foco, convidá-la, pagar-lhe uma visita ou, muito simplesmente, para tagarelar. Depois do jantar, vou a casa dos amigos e em seguida ao teatro ou a um concerto. Regresso a casa depois da meia-noite, e isto repete-se todos os dias. E é tudo! (RUIDO DE PORTA) Mas aí vem Dymov...

DYMOV - Meus senhores, vamos cear.

OLGA - Olhem bem para ele!... Não acham que ele tem qualquer coisa de diferente?... Meu querido anfitrião, és simplesmente deslumbrante!... Vejam a testa dele, senhores! Dymov, põe-te de perfil. Assim. Reparem bem, senhores, tem uma cabeça de tigre de Bengala, mas, ao mesmo tempo, a expressão meiga e encantadora de um veado. Oh, meu querido!...

-SEPARADOR-

- OLGA ↪ Dymov, és um homem inteligente e nobre, mas tens um grande defeito: não te interessas por nada que seja arte; negas a música e a pintura...
- DYMOV ↪ Não as compreendo, "mamãzinha"! Dediquei toda a minha vida ao estudo das ciências naturais e da medicina e nunca me sobrou tempo para me ocupar dessas coisas.
- OLGA ↪ Mas isso é um absurdo, Dymov.
- DYMOV ↪ Então porquê? Os teus conhecimentos não incluem as ciências naturais e a medicina, e não te censuro por isso. Cada um tem as suas preferências. Eu não percebo nada de paisagens, nem de óperas, mas julgo que, se tantas pessoas inteligentes lhes dedicam a sua vida, e se, outras, lhes sacrificam o seu dinheiro, é porque tais coisas são necessárias. Não compreendo arte, mas isso não significa que a negue.
- OLGA ↪ És sublime, Dymov! Deixa-me apertar a tua mão honrada!
- DYMOV ↪ Com todo o gosto, "mamãzinha"!
- OLGA ↪ Ah!... O que é isto?
- DYMOV ↪ Pouca sorte, "mamãzinha"! Fiz hoje quatro autópsias e cortei dois dedos.
- OLGA ↪ Mas, Dymov, isso pode ser perigoso!
- DYMOV ↪ Não te assustes, querida, que não há-de ser nada! Sucede-me muitas vezes cortar-me durante as autópsias; distraio-me com o trabalho e descuido-me. Mas tudo correrá bem. Tu verás.
- OLGA ↪ Tens razão, querido! A felicidade não nos abandonará! Em breve uma casa de campo longe da cidade...

DYMOV - E longe de mim... É que não poderei acompanhar-te. Bem vêes, os meus estudos, as minhas experiências, os meus doentes, não permitem que me afaste. Mas sempre que me seja possível irei visitar-te. O pior vai ser depois... Sim, essa excursão de pintores... Irei ter muitas saudades tuas, é certo, mas cá me arranjarei. Nunca te privaria de uma coisa que te dará tanto prazer.

OLGA - Dymov! Meu querido Dymov! A tua simplicidade, bom senso e compreensão, enchem-me de humildade e deslumbramento! Sim, tens razão, querido Dymov, para mim, essa excursão através do Volga vai ser uma importância extraordinária; vai ser uma experiência maravilhosa. Depois, vou ter ensejo de criar novas relações, novos amigos... Cada novo conhecimento é para mim uma festa. Adoro as pessoas célebres orgulho-me delas e vejo-as todas as noites em sonhos. Tenho sede de celebridade e não consigo satisfazer esta sede. Os velhos conhecimentos desaparecem, e eu esqueço-os; os novos vêm substituí-los, e eu tão depressa me regozijo como me desiludo. Começo, então, à procura de outros, de novas personalidades. Encontro-as, mas continuo sempre a eterna busca... Porquê? Sim, porquê, Dymov?

DYMOV - Não sei, "mamãzinha"! Tens de o descobrir por ti própria.

OLGA - Às vezes sonho... Desculpa! Estou a maçar-te, eu sei.

DYMOV - De maneira nenhuma, querida! São tão raros estes momentos; vejo-te tão poucas vezes...

OLGA - Quando chego a casa já estás a dormir...

DYMOV - Levanto-me cedo e tu nunca regressas a casa antes da meia-noite. Só às quartas-feiras conseguimos estar mais algum tempo a sós. E isto, enquanto não chegarem os teus convidados.

OLGA - A vida de sociedade impõe-me certas obrigações a que não posso fugir. E não julgues que é fácil. Também tenho uma vida muito ocupada, Dymov... Também tenho uma vida muito ocupada...

-SEPARADOR-

- STEPANIDA- Ah, é o sr. Dr.!
- DYMOV - Boa tarde, Stepanida!
- STEPANIDA- A senhora não está, mas não se deve demorar.
- DYMOV - Está bem, Stepanida! Eu espero.
- STEPANIDA- Não estranhe a desarrumação, sr. Dr., mas a vivenda só tem três quartos, e é feia, de tectos baixos, paredes forradas de papel barato...
- DYMOV - Eu sei, Stepanida, eu sei!
- STEPANIDA- Se não era mais confortável viver na cidade... E depois, por todo o lado são telas, pincéis, tintas... É melhor esperar na salinha, sr. Dr... O samovar já deve ferver e está lá o senhor Riabovsky. (PORTA)
- OLGA - Stepanida, é preciso... Mas... Oh, Dymov! Meu querido Dymov! És tu, realmente? Porque não vieste há mais tempo? Porquê? Porquê?
- DYMOV - Como é que eu podia vir, "mamãzinha"? Estou sempre tão ocupado e, quando fico livre, já não há transporte.
- OLGA - Porque é que re alugaste esta casa de campo tão longe da cidade, se não me podias fazer companhia? Porque não apareces mais amiúde...
- DYMOV - O meu trabalho não me permite; não me posso afastar do hospital...
- OLGA - Estou tão contente por te ver! Sonhei contigo toda a noite e receava que estivesses doente.
- DYMOV - Também eu já tinha muitas saudades tuas, "mamãzinha". Não te

via já há duas semanas...

OLGA - Sabes, és um amor, vieste mesmo a propósito! Vais ser o meu salvador! Só tu me podes salvar. Amanhã há aqui um casamento muito original. Casa-se um jovem telegrafista da estação, um tal Tchikildieiev. É uma jóia de homem, nada estúpido, forte como um urso... Podia servir de modelo a um jovem Viking. Todos os veraneantes se interessam por ele e lhe prometeram assistir ao casamento. É um homem pobre, isolado e tímido. Talvez fosse um pecado recusar-lhe o nosso interesse. Depois da missa efectuar-se-à o casamento e em seguida iremos a pé para casa da noiva... Estás a ver uma clareira, as aves a cantar, as manchas do sol e nós todos projectando sombras na erva. Muito original. À maneira dos impressionistas franceses. Mas olha lá, Dymov, que hei-de eu vestir para levar à igreja? Aqui não tenho nada, absolutamente nada! Nem vestido, nem luvas, nem flores... Tens de me salvar! Toma as chaves, meu querido; corre a casa e procura no armário o meu vestido cor-de-rosa. Lembras-te, está pendurado mesmo à frente... Depois, no quarto das arrumações, à direita, no chão, estão as caixas. Na de cima deves encontrar algum tule, montes de tule, e depois alguns trapos e flores. Tira com cuidado as flores cá para fora; faz os possíveis por as não amachucar; depois eu escolho... E compras-me também um par de luvas.

DYMOV - Está bem, querida, vou lá amanhã e depois mando-te tudo isso.

OLGA - Amanhã?!... Como é que terás tempo para isso! O primeiro comboio parte às nove horas e o casamento é às onze. Não, meu querido, tem de ser hoje. Hoje, sem falta! Se não quiseres voltar, manda-me as coisas por um moço de recados. Vamos, despacha-te... O comboio chega dentro de instantes; não o percas, meu amor!

DYMOV - Bem! Se assim o queres...

OLGA - Ah! Que pena ter de te deixar ir embora! Mas porque prometi eu isto ao telegrafista?...

-SEPARADOR-

EXTERIOR - EM FUNDO O CORO DOS BARQUEIROS DO VOLGA

OLGA - Esta noite calma e clara de Julho, meu caro Riabovsky, fascina-me! Não me canso de contemplar alternadamente, nesta viagem maravilhosa, a água com as suas sombras e as margens do Volga...

RIABOVSKI- As sombras projectadas na água não são sombras, Olga Ivanovna, mas sim um sonho, e, ao contemplar esta água mágica e cheia de reflexos fantásticos, o céu sem fundo, as margens tristes e melancólicas, que exprimem a futilidade da vida e a existência de qualquer coisa de mais elevado, de divino, apetece esquecer tudo, morrer... Sim, Olga Ivanovna, o passado é banal e sem interesse; o futuro, medíocre; e esta noite magnífica e única em breve acabará para se fundir na eternidade; viver, pois, para quê?

OLGA - Escuto a sua voz, Riabovsky, depois a calma da noite; e sonho que sou imortal, que nunca morrerá. Sim, o azul-turquesa da água, como nunca antes tinha visto, o céu, as margens, as sombras, e uma alegria imensa que me enche a alma, dizem-me que hei-de ser uma grande artista e que, algures ao longe, num espaço indefinido, me esperam o êxito, a glória e o amor dos povos...

RIABOVSKY- Ao ouvi-la, Olga Ivanovna, julgo também sonhar. Se eu lhe dissesse... Sim, se eu lhe dissesse, Olga Ivanovna...

OLGA - Não, não diga!

RIABOVSKY- Porque está hoje tão atraente?

OLGA - Já começa a estar fresco; levantou-se uma ligeira brisa...

RIABOVSKY- Aqui tem a minha capa.

OLGA - Seria melhor...

RIABOVSKI- Ordene, Olga Ivanovna, que eu obedecer-lhe-ei! Sinto-me em seu poder, sou um escravo. Amo-a, Olga Ivanovna!

OLGA - Não, não diga isso, Riabovski!

RIABOVSKI- Sim, amo-a loucamente. Basta uma palavra sua e porei termo à vida; até abandonarei a arte. Conceda-me o seu amor, peço-lhe!...

OLGA - Não fale assim, Riabovski; faz-me medo!

RIABOVSKI- Diga que me ama!

OLGA - E Dymov?

RIABOVSKI- Dymov? Para que falar de Dymov? Admire o Volga, a lua, a beleza, o meu amor, o meu êxtase; Dymov não existe... Ah! Nada sei! Não precisa do passado para nada; conceda-me um instante, apenas um minuto!...

OLGA - Oh, cale-se! Cale-se, por favor! Não vê como sofro? O meu coração pulsa mais apressado. Quero pensar em Dymov; mas todo o passado se me afigura mesquinho, sem existência, sombrio e inútil, e longínquo também, perante o esplendor do presente... Sim, de facto, para quê pensar em Dymov? Porque me hei-de preocupar com ele? Existirá ele na realidade? Será alguma coisa mais do que um simples sonho?
Já bastou para ele, homem simples e vulgar, a felicidade que recebeu até aqui...

RIABOVSKI- Então? Ama-me? Sim? Oh! Que noite! Que noite maravilhosa!

OLGA - Sim, que noite maravilhosa!... (TRANSIÇÃO) Ainda que seja condenada "lá em cima" amaldiçoada, apesar de tudo, vou-me perder; e vou-me perder neste mesmo instante. Sim, na vida, evemos experimentar tudo. Meu Deus, como isto é, ao mesmo tempo, atemorizante e bom! (O CORO VEM A PRIMEIRO PLANO E FUNDE-SE COM O

-SEPARADOR-

RIABOVSKI- Não há arte mais ingrata e mais triste do que a pintura...

OLGA - Ora! Dizes isso porque este segundo dia de Setembro, apesar de quente e tranquilo, está sombrio. De madrugada já planava sobre o Volga uma ligeira bruma...

RIABOVSKI- É que não há a mínima esperança de que o céu se descubra. Como é que se pode ser pintor, com um tempo destes? Pintor! Serei eu, por acaso, pintor?

OLGA - Então, Riabovski, não estejas aborrecido!

RIABOVSKI- Achas que não tenho razão? O rio já não tem reflexos; está baço, agitado e escuro. Tudo, mas tudo, anuncia já, com melancolia e angústia, a aproximação do Outono. Parece que o magnífico cenário que nos cercava, foi retirado pela natureza e por ela fechado em malas até à próxima Primavera. Sim, o Volga está nu! Não ouves o seu crucitar? Não ouves? (EM FUNDO O CROCITAR DOS CORVOS) Meu Deus, quando é que voltará a haver sol?

OLGA - Mas tu tens um estudo feito num dia enevadoo...

RIABOVSKI- O quê? Que dizes tu?

OLGA - Que tens um estudo feito num dia enevadoo. Lembras-te? À direita há um bosque e, à esquerda, uma manada de vacas e alguns gansos. Podias acabá-lo agora.

RIABOVSKI- Ah!... Podia acabá-lo agora, dizes tu!... (NUMA EXPLOSÃO) Julgas-me tão estúpido, que não saiba o que me convém fazer?

OLGA - Como tu mudaste a meu respeito! (CHORA)

RIABOVSKI- Pronto, está bem!

OLGA - E acreditei eu em ti; nas tuas juras, nas tuas...

- RIABOVSKI- Só cá faltavam as lágrimas. Basta! Acaba lá com isso! A mim não me faltam motivos para chorar; tenho ali razões para o fazer, e no entanto domino-me.
- OLGA - Mil razões!... A principal ' que já estás farto de mim!...
- RIABOVSKI- Olga, só te peço uma coisa: não me atormentes mais! Não te peço mais nada...
- OLGA - Jura-me que ainda gostas de mim!
- RIABOVSKI- Mas é uma tortura!... Uma autêntica tortura!... Ainda acabo por endoidecer ou por me deitar ao Volga!
- OLGA Mas jura!... Porque não juras?
- RIABOVSKI- Deixa-me em paz!
- OLGA Nesse caso, mais vale matares-me. Mata-me já! Mata-me!
- RIABOVSKI- Deixa-me em paz, já disse! (QUEBRANDO) Deixa-me em paz, por favor! Estou cansado! (TRANSIÇÃO) Nunca me deveria ter comprometido com uma mulher como tu! Estou farto!... (INDOLENTE) Farto e cansado!
- OLGA (NUMA EXPLOSÃO) - E eu? Sim, e eu?... Também estou farta! Quero partir, o mais depressa possível, para longe dos "mujiks", da humidade do rio... Afastar-me da sensação de porcaria que sinto constantemente, pernoitando em cabanas de carponeses e errando de aldeia em aldeia.
- RIABOVSKI- Tens bom remédio: desaparece!
- OLGA - (MAIS CALMA) - Sim, toda esta vida de que, a princípio, tanto tinha gostado, por me parecer simples, natural, agora, me horrorisa e me repugna! (TRANSIÇÃO) A nostalgia da vida civilizada, do convívio das grandes celebridades, aperta-me o coração. (SONHADORA) E que farão os meus velhos amigos e conhecidos? Sim,

que farão eles agora? Pensarão em mim? A época elegante está quase a principiar, e é a altura de começar a preocupar-me com as minhas recepções. (MUITO MEIGA) - E Dymov? O querido Dymov? Como é doce e ingérua a maneira de ele me escrever, a pedir-me, como uma criança, que volte depressa. (RI COM TERNURA) Todos os meses me envia setenta e cinco rublos e, quando lhe escrevi a dizer que devia cem rublos aos pintores, remeteu-me também essa importância. Que homem tão bom e generoso! (TRANSIÇÃO) Riabovsky!

RIABOVSKY- Hem!... O que há?

OLGA - Temos de nos separar por uns tempos; de contrário, o aborrecimento levar-nos-á a uma discussão grave. Vou-me embora hoje mesmo.

RIABOVSKY- Como? A cavalo numa vassoura?

OLGA - É quinta-feira. O barco chegará às nove e meia.

RIABOVSKY- Ah, sim?... Então está bem, vai-te embora! Isto é muito triste para mim. não estás cá a fazer nada. Só te poderia reter se fosse muito egoísta. Vai-te embora, encontrar-nos-emos depois.

OLGA - (CONSIGO) - Será verdade que em breve irei escrever no meu salão, dormir no meu quarto e ter uma toalha à mesa? (ALTO) Deixo-te os pincéis e as tintas, Riabovsky. Levarás o que sobrar. (RINDO) Vê lá, não sejas preguiçoso por eu não estar cá; trabalha. És um valente, meu Riabouchka!... (O RISO FUNDE-SE COM O

-SEPARADOR-

CALERIA - O que acabas de me contar, Olga Ivanovna, não é nada que eu não tivesse previsto. E Dymov?

OLGA - Já sabes tudo.

CALERIA - Contaste-lhe?

OLGA - Não, Caléria Alexievna! Faltou-me a coragem.

CALERIA - Nesse caso...

OLGA - Depressa comprei, eu tudo. Desde que regressei dessa maldita viagem que ele me evita. Já não sorri alegremente quando me encontra e, para que fiquemos o menos tempo possível a sós, convida constantemente o seu colega Korosteliiov. E levam todo o tempo a falar, de assuntos de medicina apenas para me darem a possibilidade de não falar, ou seja de não mentir. (NUMA FALSA ALEGRIA) De resto, o nosso sistema de vida é o mesmo de sempre. Às quartas-feiras há serão. Um artista declama, um pintor desenha, um violoncelista toca, um cantor canta e, às onze e meia, inalteravelmente, a porta da sala de jantar abre-se, e Dymov, com o seu sorriso, anuncia a ceia. (TRISTE) Sim, como no passado, procuro grandes celebrações, encontro-as, desiludo-me e continuo sempre a eterna fusca. Também, como no passado, entro alta noite em casa, mas Dymov já não dorme como antigamente; fechado no seu gabinete, trabalha. E é lá, nesse gabinete, num divã improvisado em cama, que ele se deita durante os poucos momentos de repouso que concede ao corpo.

CALERIA - E... Riabovsky?

OLGA - Maldito seja ele!... Quando penso que, por causa desse Riabovsky, perdi Dymov...

-SEPARADOR-

RIABOVSKY - Quando acabará esta estúpida correspondência?

OLGA - Não sei o que queres dizer?

RIABOVSKY - Recebi a tua carta na qual juravas que, se eu não viesse a tua casa hoje mesmo, te envenenavas.

OLGA - E então?... Não achas natural que, depois do que se passou entre nós, eu te suplique que me ames; que não me deixes; que tenhas piedade de mim, tão desgraçada e infeliz?

- RIABOVSKY- Sempre tiveste a mania de dramatizar tudo.
- OLGA - Jura que ainda me amas!
- RIABOVSKY- Não gosto de prisões; nunca as suportei! Gosto de ser livre...
O que é isto?
- OLGA - Um estudo... uma natureza morta.
- RIABOVSKY- Ah, um estudo!
- OLGA - Acabei-o há pouco...
- RIABOVSKY- Tem certo interesse, não há dúvida, mas hoje um estudo, o ano passado, um estudo, daqui a um mês, outro estudo... Ainda não estás enjoada? Eu, no teu lugar, abandonaria a pintura e dedicar-me-ia a sério à música ou então a outra coisa. Tu não és pintora, mas sim música. Não tens alma de pintora...
- OLGA - Ah, sim?... E tu? Tens alma de quê? Julgas-te, naturalmente, um grande artista? Um grande pintor? Tudo o que tens feito de bom tem sido sob a minha influência. Não o esqueças!
- RIABOVSKY- Estás cada vez mais insuportável! (PASSOS E BATER DE PORTA)
- OLGA - És um monstro! Maldito sejas! (ROMPE NUM CHORO - UM TEMPO - LEVES PANCADAS NA PORTA - RECOMPONDO-SE) - Entra!
- DYMOV - Que se passa? Tiveste algum aborrecimento?
- OLGA - Não, não! Não é nada!
- DYMOV - Ia a passar, quando ouvi o teu choro... Não chores alto, "mamãzinha"... Para quê chorar? Domina-te... Os outros não têm necessidade de saber... O que aconteceu, bem sabes, é irreparável... Para quê lágrimas?... É preciso saber arcar com a responsabilidade das situações que se criam... Adeus, "mamãzinha"!

- OLGA - Vais sair?
- DYMOV - Não! Vou-me deitar. Tive hoje um dia... estou muito cansado.
- OLGA - Como estás de casaca e de gravata branca ...
- DYMOV - Acabo de defender tese e fui aprovado.
- OLGA - Isso é verdade?
- DYMOV - Sabes, pode ser que me convidem para reger um curso voluntário sobre patologia geral. Consta-me isso ... Bem! Adeus, "mamãzinha"!

SEPARADOR

- CALÉRIA - Ah, és tu, Olga Ivanovna! Desculpa se te fiz esperar, mas estava muito ocupada. Estou a estudar um papel importante da próxima produção de Ludwig Barnay... Ele quer que eu siga já na "tourné", e, para isso, tenho também que praticar no meu alemão ... Mas que tens. Não te sentes bem?
- OLGA - Venho de casa de Riabovsky.
- CALÉRIA - De casa de Riabovsky?!... Então isso ainda continua?
- OLGA - Fui visitá-la!... Entrei sem tocar e, enquanto descalçava as botas de borracha no vestíbulo, ouvi qualquer coisa como um ruje-ruje de vestidos femininos. Quando entrei no atelier ainda vi a ponta de uma saia castanha a desaparecer atrás de um grande quadro. Não havia dúvida de que se encontrava ali escondida uma mulher. Quantas vezes eu me refugiei atrás daquele mesmo quadro... Riabovsky, visivelmente perturbado, veio ao meu encontro...

Os olhos encheram-se-me de lágrimas e nem que me dessem um milhão teria consentido em falar diante duma desconhecida, uma rival, uma mentirosa que se escondia tão vilmente. tive vontade de gritar de bater na cabeça de Riabovsky com qualquer coisa de muito pesado, mas não via nada através das lágrimas; estava esmagada pela vergonha!

CALÉRIA - Minha pobre amiga...

OLGA - Na verdade, não me sentia já nem Olga Ivanovna, nem artista nem sequer pintora, mas apenas um simples e minúsculo escaravelho... Calcei novamente as botas de borracha e corri para arua. Aí respirei livremente e senti-me liberta para sempre de Riabovsky, da pintura, e da horrível vergonha que acabara de passar. Estava tudo acabado. Sim, Caléria Alexievna, finalmente está tudo acabado!

SEPARADOR

DYMOV - EM SEGUNDO PLANO, COMO SE FALASSE ATRAVÉS DUMA PORTA

Olga! Estás aí, "mamãzinha"?

OLGA - Estou sim! Acabo de chegar.

DYMOV - Estava à tua espera. Vem aqui junto da porta, mas não entres; aproxima-te apenas da porta

OLGA - Mas porquê?, Dimov?

DYMOV - Não te assustes, "mamãzinha"! Olha... anteontem apanhei a difteria no hospital...

- OLGA - O quê? O que é que dizes?
- DIMOV - Que apanhei a difteria no hospital e, agora ... não me sinto bem...
- OLGA - Difteria?
- DYMOV - Manda chamar depressa o Korosteliov.
- OLGA - Mas, Dymov, tens a certeza?
- DYMOV - Chama o Korosteliov... Manda já procurá-lo, "mamãzinha sinto-me muito mal...

SEPARADOR

- KOROSTELIOV - Aonde vai, Olga Ivanovna?
- OLGA - Vou para junto de Dymov.
- KOROSTELIOV 8 Desculpe, Ola Ivanovna, não posso consentir que entre nesse gabinete.
- KOROSTELIOV Há perigo de contágio. Além disso não adiantaria nada. Ele está a delirar.
- OLGA - Sempre é difteria?
- KOROSTELIOV Foi a conclusão a que chegaram os médicos que o examinaram. (TRANSIÇÃO) Quem se arrisca assim devia ser preso. (OUTRO TOM) Sabe porque é que ele a apanhou? Na terça-feira sorveu as membranas diftéricas da garganta duma criança. Porquê? Uma estupidez...
- OLGA - E isso é perigoso? Muito perigoso?

KOROSTELIOV Sim, parece que se trata de um caso maligno.

OLGA - Talvez não seja tão grave como pensa, Korostelióv....
Aliás, não é a primeira vez que Dymov adoece por con-
tágio no contacto com os dentes.

KOROSTELIOV Eu sei, Olga Ivanovna, eu sei, mas desta vez o caso é
mais sério. Tem difteria nas fossas nasais. Por outro
lado, o coração já começou a falhar. Enfim, a coisa va
mal. Muito mal.

OLGA - Que poderei fazer, Korostelióv?

KOROSTELIOV Nada, Olga Iv_vnovna, nada!... Já lhe fez bastante mal.

OLGA - Que quer dizer, Korostelióv?

KOROSTELIOV Naquele gabinete, um ente silencioso, terno, incom-
preendido, fraco, ao qual a modéstia rouba a personali-
dade, bondoso em excesso, sofre em silêncio, deitado
num divã, sem um queixume. Mas caso ele se queixasse
mesmo no delírio, os médicos que o velam teriam a cer-
teza de que não é apenas a difteria a causa daquele so-
frimento. Eu sei tudo, Olga Ivanovna! Eu sei tudo...

OLGA - Que quer dizer?

KOROSTELIOV Que a considero como única, a verdadeira responsável do
que se está passando; a difteria é apenas uma cúmplice.

OLGA - Oh! cale-se!... Cale-se por favor, Korostelióv!... Eu
já me esqueci da noite de luar no Volga, da declara-
ção de amor, da vida romântica na cabana! lembro-me
apenas de que por causa de um simples capricho, por in-
do lência, me deixei conspurcar... Mas rezei toda a

toda a noite e prometi a Deus que hei-de amar novamente Dymov e lhe serei eternamente fiel, se ele se curar...

SEPARADOR

OLGA - Meu Deus, o tempo passa com uma lentidão horrível!... Há já três dias que Dymov, o pobre querido, agoniza... E onde estarão agora os meus amigos? Saberão que fomos atingidos pela desgraça?... Senhor, salva-nos, liberta-nos! (RUIBO DE PORTA)

KOROSTELIOV - Olga Ivanovna!

OLGA - Ah! é você, Korosteliov?

KOROSTELIOV - Venho dizer-lhe ... que ele está a morrer.

OLGA - NUM GRITO - Não+

KOROSTELIOV -(A SOLUÇAR)- Sim, está a morrer!... Está a morrer porque se sacrificou... Que perda enorme para a Ciência! Comparado connosco era um grande homem, extraordinário; que inteligência! Tantas esperanças nos deu! Senhor, meu Deus! Era um sábio como não há outro! (CHORANDO) Osska!Osska Dimov, que fizeste tu? Oh, meu Deus! (TRANSIÇÃO) E que força moral! Uma boa alma, pura, amorosa. Não era um homem; mas uma jóia; era cristal puro. Serviu a ciência e morreu por ela. (IRRITANDO-SE GRADUALMENTE) Trabalhava como um animal, noite e dia. Ninguém o poupava. E, no entanto, o jovem dábio, o futuro professor, era obrigado a arranjar clientela e a fazer traduções para pagar... o quê?... uns tristes e miseráveis trapos... (TRANSIÇÃO) Não se poupava e os outros também não o poupavam a ele... um homem raro..

OLGA - Sim, um homem raro! Recordo a minha vida com ele, desde o início, em todos os pormenores. E, só agora, de repente, compreendi que ele é, na verdade, um ser extraordinário, um grande homem, comparado ^{a todos} os outros que conheço. Sim, ao lembrar-me de como o tratavam o meu pai e todos os colegas, compreendi, finalmente que todos viam nele uma futura celebridade.

KOROSTELIOV Não o soubeste conhecer, Olga Ivanovna, não o soubeste conhecer!

OLGA - Mas conheço-o e compreendo-o agora!

KOROSTELIOV É tarde, Olga Ivanovna, muito tarde!

OLGA - Não! Nunca é tarde ... Quero vê-lo! Preciso de lhe falar!... (NUM GRITO) Dymov!... (PASSOS SE QUEM CORRE) Dymov!... (RUÍDO DE PORTA) Dymov!... (PAUSA - TRANSIÇÃO) Korosteliov, Dymov está imóvel, deitado no divã. Horrivelmente magro, a sua cor é de um cinzento-amarelado que os vivos não têm nunca. Apenas o reconhecimento pela testa, pelas sobrancelhas pretas e pelo sorriso... o seu terno e bondoso sorriso... (MUITO TERNA) Dymov, sou eu, a "mamãzinha"!... (RUÍDO DE BEIJOS) Dymov, ouve-me!... Dize que me ouves, querido! ... (NÃO QUERENDI COMPREENDER) o peito dele está ainda morno, Korosteliov, mas a testa e as mãos estão desagradavelmente frias... os olhos, entreabertos, não me fitam a mim, mas sim a manta que o cobre... (DESESPERO) Dymov! Dymov! Não me ouves?...

KOROSTELIOV É tarde, Olga Ivanovna, muito tarde!

OLGA - Korosteliov, diga-lhe que sou eu, a "mamãzinha", a sua querida Olga... Dymov, querido, ouve-me... Ouve a tua "mamãzinha"...

KOROTELIOV É tarde, muito tarde, Olga Ivanovna! E no fim de contas que mais pretende dele?

OLGA - Explicar-lhe... explicar-lhe que p passado foi um erro, que nem tudo está perdido, que a vida pode ser ainda bela e feliz, que ele é um homem invulgar, extraordinário, um grande homem que eu adorei o resto da minha vida como a um deus e que sinto diante dele uma adoração sem limites, um respeito sagrado...

KOROTELIOV É tarde, Olga Ivanovna!... Ele já não a ouve!... Ele já não a pode ouvir!...

OLGA - NUM DESESPERO - Mas é preciso que me ouça!... Dymov, escuta!... Ouve, Dymov!... Ouve a tua "mamãzinha", Dymov!... Na Primavera ou no Verão iremos para a Crimeia, a fim de nos libertarmos definitivamente do passado e iniciarmos uma nova existência... Sim, Dymov?... (NUM GRITO QUE O ECO REPERCUTIRÁ) Dymov!... (PAUSA - UM TEMPO)

KOROSTELIOV De que é que se está à espera, Stepanida? Vá chamar o guarda da igreja; peça para virem também as mulheres do hospício. Elas lavarão e vestirão o corpo. Farão tudo o que for necessário.

COMEÇA A OUVIR-SE A CANÇÃO DO INICIO, A QUAL SE TRANSFORMA NO CANTO DUMA CIGARRA - UM TEMPO

